

O PANAMERICANISMO E O BRASIL

(Conclusão da 1.^a página)

lembrar o exemplo da Índia e IndoChina, onde os mestiços e bastardos são repudiados por ambas as partes, ficando, portanto, muito longe do que nos proporcionou o cenário do Novo Mundo, a que não escapam, como dissemos atrás, nem os países do hemisfério boreal da América.

A religião aproximou os povos e pôde, integralmente, imprimir-lhes suas características mais marcantes, a começar pela tolerância de culturas, de que o Brasil, Paraguai e Canadá, no que tange aos jesuítas, são os três milagres, no dizer de Eduardo Prado.

Feitas estas ligeiras considerações em torno dos agentes mais notáveis da americanização do alienígena, vejamos, agora, como, diante de tamanha convergência de forças, se processou a eclosão do ideal panamericano, no terreno político, no cultural, no econômico e, mesmo, no militar, à base de acordos.

Conquanto, na atualidade, as atividades gerais estejam confiadas a um órgão supremo, que é a União Panamericana, com sede em Washington, a idéia, no entanto, é das mais antigas. E mais uma vez, aqui nos é grato recordar que foi um Brasileiro — Alexandre de Gusmão — irmão do "Passarola", o primeiro a manifestar-se, de público, sobre a necessidade de que se estabelecesse, em bases sólidas, um sistema de cooperação entre os povos da América. Mais tarde, Bolívar, o libertador de cinco nações, igualmente, houve por bem idealizar uma união efetiva de povos, limitando-se, porém, às de fala castelhana ou, ao menos, as por ele libertadas.

O tema não deixou, daí para diante, de apaixonar os espíritos, chegando, mesmo, um Presidente dos Estados Unidos,

Monroe, a transformá-lo em séria advertência às nações imperialistas do Velho Mundo. É o célebre "A América para os Americanos", em que alguns, maldosamente, pretendem ver outra modalidade de imperialismo, e que de nada valeu, como é o caso de Maximiliano no México, e o das nações européias, coligadas na Venezuela dos começos deste século.

Talvez, melhor que todos eles tivesse trabalhado José Bonifácio, o Patriarca, com seu profundo conhecimento das ciências e dos povos.

Mas, a idéia, efetivamente, só iria vingar nos últimos anos do século XIX, com a cooperação integral de todos os governos e quase todas as instituições culturais da América.

Ainda desta vez, seriam os nossos patrícios, aliados aos uruguaio, mexicanos e cubanos, os mais ardorosos defensores da maravilhosa fórmula de união entre os da América. Dos Estados Unidos, diremos que, apesar da tendência intervencionista daquela época, os espíritos esclarecidos e o povo em geral não deixavam de aplaudir e encorajar, pela palavra e pela ação, a grande entidade a serviço da paz.

Bastaria que declinásemos os nomes de Oliveira Lima e Salvador de Mendonça, para que se compreenda a relevância de nosso esforço na sobrevivência daquela União, já vitoriosa e bem eficaz em suas intervenções no sentido da realização dos bons princípios.

E, hoje, unidos e irmanados para sempre, os países do Novo Mundo dão um magnífico exemplo aos demais, pois sólidos se tornaram os laços do comum ideal humano.

Este o significado do "Dia Panamericano", o nosso Dia.

F. M.